

# Resposta a Zé do Picumã

**Azambuja Leal**

Zé do Picumã, que se declara nosso leitor assíduo, em longa missiva pede nossos comentários sobre o Festival da Tomada da Bastilha, ocorrido na Praça da Paz Celestial, Paris, France, le 14 juillet.

Caro Zé, há uma ligeira confusão: a praça se chama da Concórdia e não da Paz Celestial, ainda que, por outra, o que lá se passou há 200 anos — e nisto estamos de acordo — mais esteja para o lado da discórdia do que da concórdia propriamente dita. Permito-me discordar, entretanto, quando v. o compara a um evento folclórico como a Farra do Boi, já que, a despeito de toda onda ecológica atual e da pobreza da mídia ao tempo de Luiz XVI, aquele evento teve repercussão publicitária muito maior. Subscribo seu protesto jacobino contra a discriminação aplicada por "le Roi Mitterrand" (assim vem sendo ele chamado na França) a cerca de 30 de seus hóspedes que, tendo-se deslocado com luzidas comitivas para a festa da "liberté, égalité & fraternité", foram liberalmente, com a maior desigualdade, e sem fraternidade alguma, mundialmente rebaixados à categoria de comensais de M. Rocard. Esclarecendo, entretanto, sua dúvida, informo que isso não faz parte do protocolo diplomático estabelecido pela Santa Aliança, visto que há precedente de grossuras do mesmo calibre inauguradas por Napoleão e repetidas por De Gaulle. — "C'est la grandeur, mon chér." Deve-se reconhecer, entretanto, que não seria fácil encontrar mesmo em Versalhes salão suficientemente grande para reunir num único banquete todos os "sans-culottes" que revoaram para lá, a maioria deles sem ser convidada. Bem feito.

É fina sua observação de que Bush teria que lançar alguma coisa para não perder Ibope, depois das demonstrações chinesas, da notoriedade de Mitterrand, dos lançamentos de Gorbachov, do "landslide" do Collor — e até mesmo do desafio do Fittipaldi em próprio solo americano. Não é apenas a rivalidade franco-americana que se acha em causa, concordo. É mesmo uma questão de manchete. Ele partiu pra cabeça. Mandou-se direto pro espaço, que a concorrência pelo espaço de mídia aqui nesta aldeia global não está mole não. V. já imaginou se, além da ajuda do Japão para resolver o problema das dívidas do Terceiro Mundo, o Maguila nocauteia o Tyson no primeiro assalto?

Depois de v. me chamar a atenção, analisei com cuidado o "pronunciamento" de Bush do ponto de vista da estratégia publicitária global. Segundo as notícias, ele confessou textual e francamente que desejava "buscar novas fronteiras", que queria "restabelecer a superioridade norte-americana como nação

espacial", que "era destino da América liderar". Noutra passagem, falou que na próxima década estarão na estação espacial Liberdade, "Freedom", ponto baixo do discurso, pois isso há 200 anos é quintal gaulês. Então, puxou o manche e subiu mais: "No novo século, (estaremos) de volta à Lua e ao futuro, desta vez em caráter permanente". Notou bem? — ... "desta vez em caráter permanente". Percebeu? Ele pretende mandar os Estados Unidos para o espaço, para lá ficar permanentemente.

Discordo que ele esteja com a cabeça na Lua. Discordo de que haja novas fronteiras aqui mesmo na Terra onde 400 bilhões de dólares possam ser enterrados com maior proveito, seja para a humanidade, seja para os Estados Unidos. Depois dessa ferrada dada no Terceiro Mundo com os empréstimos, que acabou se transformando no problema da dívida, há na Terra alguma nova fronteira onde se possam enterrar 400 bilhões de dólares? Você lembra que com esses 400 bilhões os Estados Unidos poderiam amortizar parte de sua dívida com o mundo, que deve estar beirando um trilhão. Zé do Picumã, me perdoe, mas v. não entende bulhufas nem de economia, nem de política e ainda menos de mídia. Já imaginou a depressão em que cairia o mundo inteiro? Se os Estados Unidos amortizassem sua dívida com esses 400 bilhões, o dólar iria para o espaço. Nossa própria dívida era capaz de chegar a um trilhão. Os japoneses não teriam mais papel americano para comprar.

Não, Zé, o macaco está certo. Já há dólar demais na Terra, o melhor mesmo é enterrar eles no espaço. Espaço é coisa imobiliária, o mais seguro investimento do mundo. E espaço de mídia, melhor ainda. V. não vê o exemplo dos políticos, sempre tão fiéis aos partidos, agora negociando adoidados minutos de televisão? Quanto vale em dólares um minuto de televisão em cadeia nacional, Zé? V. não vê o exemplo da Erundina, querendo comprar o palacete do Matarazzo, o Memorial das Américas do Quêrcia, a Norte-Sul do seu xará? Tudo pelo social! Algum lugar se há de achar para se meter esse lixo atômico que é dinheiro demais na mão do contribuinte, que esquentava a economia e produz a inflação. De preferência um lugar que dê mídia, mídia, seu Zé. É aí que a economia dá a mão à política: a Economia Política, Zé. Se não chegou por aí, diga, Zé. Peça um manual, ao Mitterrand, ao Bush, ao Gorbachov, ao Malnã-oi-sei-das-quantas, ou até mesmo ao presidente, ao governador, ou à prefeita. Se não tiver resposta, avise, Zé, que eu mando.